



CENTRO-OESTE

CIÊNCIA

# Estudo revela dano ambiental da agricultura no Araguaia

Manejo do solo provoca destruição das ipucas, fragmentos florestais de ocorrência única nas várzeas do rio Araguaia

Ivonete P. Motta  
de Palmas

Um estudo científico desenvolvido pela geógrafa e professora da Universidade Federal do Tocantins (UFT) Iracy Coelho Martins deverá identificar centenas de impactos ambientais decorrentes da atividade agrícola nas áreas de várzeas da Planície do Araguaia. Por se tratar da sua tese de doutorado, que ela faz na Universidade Federal de Viçosa, Iracy terá que apresentar medidas minimizadoras para os impactos negativos e potencializar os positivos. A tese final está em fase de redação mas ela tem até março do ano que vem para defendê-la.

O trabalho acadêmico de Iracy Martins e de seu marido, o também geógrafo Alan Elias Martins, versa sobre as ipucas, fragmentos florestais naturais de ocorrência única nas várzeas do rio Araguaia, um ambiente que somente a partir desses dois pesquisadores começou a despertar o interesse da ciência. A área em estudo fica numa faixa de ecótono — transição entre o cerrado e a floresta amazônica próxima da ilha do Bananal.

Além dos impactos ambientais decorrentes da exploração agrícola, objeto da pesquisa de Iracy, e da dinâmica e origem desse ambiente, estudado por Alan Elias, outros aspectos já estão sendo pesquisados por professores tocantinenses como o levantamento florístico, solos e insetos. A pesquisadora tem o apoio do WWF.

Iracy conta que em função do trabalho de campo foi identificado um número significativo de impactos ambientais, boa parte deles atribuídos ao manejo incorreto do solo para a implantação de lavouras

e pastagens. Por ter um relevo praticamente plano, o que facilita a mecanização, essas áreas de várzeas são consideradas estratégicas para o desenvolvimento do Tocantins pela possibilidade de produzir até duas safras por ano.

A primeira tradicionalmente é a de arroz, pelo sistema de inundação. Na entressafra são plantados soja, milho, sorgo, melancia, tomate industrial e abóbora, utilizando-se a subirrigação. Estima-se o potencial produtivo de várzea do estado em área contínua em torno de 700 mil hectares.

Os pesquisadores estão eufóricos com o afundamento de uma ipuca ocorrido no município de Lagoa da Confusão e já buscam uma explicação científica para o fenômeno. O que antes era um fragmento de floresta virou um lago, em alguns pontos com mais de 50 metros de profundidade. A região se caracteriza pela existência de inúmeros lagos, lagoas e outras formas de drenagem. Por isso, os pesquisadores querem saber qual a relação desse afundamento com recursos hídricos já existentes.

Já se sabe que as áreas de ipucas têm solos pouco profundos com camada superficial rica em matéria orgânica sob grande influência do lençol freático próximo à superfície. Por se tratar de área com um pequeno desnível em relação ao seu entorno, no período das águas as ipucas são as primeiras a inundar e as últimas a secar. Nessa época, elas fazem a ligação entre os vários rios, córregos e lagos já que toda área fica inundada.

De acordo com as pesquisas de Iracy e Alan, o afundamento da ipuca já tem uma explicação científica. Ela afirma que do ponto de vista natural a ipuca iria afundar em tempo geológico. Outra hipótese apontada é o uso intensivo da orizicultura irrigada, que pode ter acelerado o processo. Ou seja, o uso intensivo de máquinas agrícolas pode ter desestruturado o solo e provocado o afundamento. Exis-

tem informações de que outra ipuca vizinha também apresenta características de afundamento.

Na região de Formoso do Araguaia, onde em 1979 foi implantado o Projeto Rio Formoso, as ipucas foram removidas sob a justificativa de aproveitamento total do solo. No entanto, a medida se mostrou desastrosa, pois a agricultura não se desenvolve nessas áreas; diz Iracy. Segundo ela, na época da implantação do projeto não havia exigência de estudos ambientais.

Hoje os agricultores se deparam com um grande problema ecológico

e econômico — a superpopulação de ratos e patos que se alimentam dos grãos e causam prejuízos à lavoura e elevam o custo de produção pela necessidade de combate ao que já virou

uma praga. “As ipucas são verdadeiros ninhaiis, principalmente para a avifauna; com sua ausência intensifica-se o processo migratório de predadores naturais, desencadeando alterações no equilíbrio ambiental”, diz Iracy.

Já nas novas áreas agrícolas, como as abertas na região de Lagoa da Confusão, houve necessidade do estudo ambiental e os próprios fazendeiros, com o exemplo de Formoso, se conscientizaram de que não era vantagem remover as ipucas. Elas serviriam de abrigo e fonte de alimentos para animais, evitando ataques às lavouras.

Como não sobraram sementes nem pedaços de vegetação típica, Iracy diz que é muito difícil a regeneração natural das ipucas. “O ambiente inteiro foi removido, não existe possibilidade de sementes serem levadas pelo vento, água ou animais. Encontrar uma saída para esse impacto é mais uma situação para ser estudada pela ciência.”

■  
**Várzeas são estratégicas por produzir até duas safras por ano**